

SOCIEDADE UCRANIANA DO BRASIL: ESPAÇO DE IDENTIDADE, LÍNGUA E CULTURA DE HERANÇA

DOI: 10.35923/978-630-327-052-4/10

Érica SARSUR
Universidade de São Paulo
e-mail: esarsur1@gmail.com

Ukrainian Society in Brazil: a Place of Identity, Language and Heritage Culture

Abstract: In the field of heritage language and culture studies, this article sets out to answer the following question: how does the Ukrainian Society of Brazil preserve, promote and publicise Ukrainian identity among its members and in the city of Curitiba (Brazil)? Through an exploratory and ethnographic documentary research, the researcher presents three pillars of the institution for analysis: the Barvínok Ukrainian Folklore, the Subotna Chkola Léssia Ukrainka and the „Ukrainian Memory Project through the historical collection of the Ukrainian Society of Brazil”. The focus of the analyses is on the aspect of adherence to Ukrainian cultural and national values and defence of the country on Brazilian territory, observed within the Ukrainian community of Curitiba. In the context of the activities of the Barvínok Ukrainian Folklore, there are actions aimed at the preservation and transmission of traditional dances and music; the knowledge of these cultural expressions on the part of the members; and the promotion of events that celebrate and valorise Ukrainian commemorative dates. Subotna Chkola provides children and teenagers with contact with this language and culture from an early age. The Memory Project encourages the care and safeguarding of documents which, in turn, build up the history being written by the Ukrainian community in Brazil.

Keywords: *Ukrainian immigration; identity; Ukrainian Society of Brazil; heritage language and culture; Brazil.*

Resumo: No campo do estudos sobre língua e cultura de herança, este artigo se propõe a responder à seguinte questão: como a Sociedade Ucrâniana do Brasil preserva, promove e divulga a identidade ucraniana junto a seus membros e na cidade de Curitiba (Brasil)? Por meio de uma pesquisa exploratória e documental de cunho etnográfico, a pesquisadora apresenta três pilares da instituição para análise: o Folclore Ucrâniano Barvínok, a Subotna Chkola Léssia Ukrainka e o “Projeto Memória Ucrâniana através do acervo histórico da Sociedade Ucrâniana do Brasil”. O enfoque das análises está no aspecto da adesão aos valores culturais e nacionais ucranianos e defesa do país em território brasileiro, observado no seio da comunidade ucraniana de Curitiba. No âmbito das atividades do Folclore Ucrâniano Barvínok, observam-se ações voltadas para a preservação e transmissão das danças e músicas tradicionais; do conhecimento sobre essas expressões culturais por parte dos componentes; na promoção de eventos que celebrem e valorizem as datas comemorativas ucranianas. A Subotna Chkola proporciona às crianças e adolescentes o contato com essa língua e cultura desde a tenra idade. O Projeto Memória propicia o cuidado e a salvaguarda dos documentos que, por sua vez, constroem a história que está sendo escrita pela comunidade ucraniana no Brasil.

Palavras-chave: *imigração ucraniana; identidade; Sociedade Ucrâniana do Brasil; língua e cultura de herança; Brasil.*

Introdução

Partindo do pressuposto de que “há um ocultamento das etnias eslavas no Brasil” e que isso “teve o mesmo efeito no ambiente acadêmico e na produção de conhecimento a respeito do que chamamos de estudos eslavos” (Puh 2020, 678), este estudo busca desocultar (em referência ao termo “oculto”, usado por Decol 2020) e dar visibilidade a um grupo étnico eslavo, que tem grande importância na cidade de Curitiba, capital do Estado do Paraná, na região Sul do Brasil. Trata-se aqui da comunidade ucraniana, que conta com três ondas migratórias e cuja presença delineou traços culturais importantes na cidade de Curitiba desde sua chegada, em 1890.

No levantamento realizado por Puh (2020), duas instituições de ensino superior do Paraná se destacam no Brasil pela presença de estudos eslavos, a saber, a Universidade Federal do Paraná (UFPR), que oferece a formação

superior de Letras Polonês-Português, e a Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), especialmente o Campus de Irati, onde está sediado o Núcleo de Estudos Eslavos (NEES), com pesquisas em torno das línguas, culturas, histórias e migrações polonesa e ucraniana no Estado do Paraná. A migração polonesa “constitui a segunda maior corrente migratória, fora da Polônia, com o maior número de descendentes de origem polaca, superada apenas por Chicago” (Reis & Silveira s/d). Sobre a migração ucraniana no Paraná, de acordo com a principal pesquisadora desse tema, a historiadora Oksana Boruszenko, “os ucranianos no Ocidente são calculados em mais de 2 milhões, e destes, cerca de 150 mil vivem no Brasil, sendo cerca de 120 mil no Paraná” (Boruszenko 1967, 6). Os imigrantes se instalaram principalmente nas cidades de Prudentópolis, Mallet e atualmente também se encontra uma importante comunidade ucraniana instalada na cidade de Curitiba.

A migração ucraniana para o Paraná se deu em três ondas: a primeira se verificou a partir de 1890, com a chegada das primeiras famílias no Brasil. Nesse momento, a Ucrânia, que era, então, a República Socialista Soviética da Ucrânia, contava uma superpopulação agrária, e as condições socioeconômicas do país eram desfavoráveis. Assim, o contingente de imigrantes foi caracterizado por um grande grupo de camponeses que buscavam melhores condições de vida em novas terras. Nesse período, muitos ucranianos também emigraram para o Canadá que, assim como o Brasil, promovia uma campanha para receber imigrantes. Os imigrantes que chegaram ao Paraná se instalaram, principalmente, nas cidades de Mallet (antiga General Mallet), Prudentópolis e Curitiba. A segunda onda se verificou no período pós-Primeira Guerra Mundial, e se explica principalmente pela grande instabilidade política vivida na região. A terceira onda foi a que se caracterizou pelo maior êxodo de ucranianos de sua terra natal e se deu nos anos que se seguiram a Segunda Guerra, em que o país estava arrasado e havia perseguições do governo comunista da então URSS. Essa onda se caracterizou principalmente pela presença de operários, prisioneiros de guerra, refugiados políticos e soldados (Antonelli, Choma & Seniuk 2021). Estima-se que entre a primeira e a terceira ondas, 70 mil ucranianos chegaram ao Paraná.

Como encontramos em Sarsur & Voloschen (no prelo),

Acostumados a falar sua língua materna, participar das missas no rito bizantino em sua terra natal, não demorou muito para que aportando neste

gigante país de além-mar e espalhando-se principalmente por diversas localidades dos Estados do Sul, percebessem a necessidade de manterem-se juntos, de alguma forma capitaneados por uma organização civil devidamente constituída. (Sarsur & Voloschen, no prelo)

Assim, começa uma história de reunião e organização de diferentes entidades que se dedicariam a manter unidos os imigrantes ucranianos que se instalaram no Brasil, por meio de diversas ações e atividades que serviriam de ponto de ligação para aquelas pessoas.

O presente artigo se propõe a traçar um panorama das atividades realizadas pela mais antiga instituição que se dedica à preservação e divulgação da cultura ucraniana no Brasil, a Sociedade Ucraniana do Brasil (Subras), que celebrou, em 2022, 100 anos de existência. O propósito central é de responder à seguinte questão: *como a Subras preserva, promove e divulga a identidade ucraniana junto a seus membros e na cidade de Curitiba?* Para isso, serão apresentadas algumas atividades realizadas pela Subras, buscando caracterizar as motivações da comunidade ucraniana para sua criação e manutenção, sob o prisma teórico da preservação da língua e cultura de herança.

Identidade

Bauman, em sua obra *Identidade* (2005), aborda essa temática tão ampla e tão abstrata para a atualidade, a que ele chama de “modernidade líquida” (Bauman 2001). Nos estudos pós-coloniais, as referências à noção de identidade se apoiam sobretudo na noção de que ela se apresenta como um “processo contínuo de redefinir-se e de inventar e reinventar sua própria história” (Bauman 2005, 13). Nesse sentido, a comunidade ucraniana de que tratamos neste artigo vive, desde os tempos da primeira onda migratória, a necessidade de “inventar e reinventar sua história”, uma vez que deixaram para trás, no espaço e no tempo, sua terra natal, mas carregam em si e consigo todos os traços da vida que conheceram lá.

Guérios (2012), em seu estudo, mostra como os imigrantes ucranianos souberam adaptar-se às novas condições de vida, sem, no entanto, deixar de promover e vivenciar seu modo de vida, como conheceram na Ucrânia. Em um relato recolhido por Guérios (2012), em que é narrada a viagem de navio da Ucrânia para o Brasil, encontramos um exemplo do que o autor explica como a “associação entre sua filiação religiosa e a terra natal” (p. 76), que interpretamos aqui como um traço identitário dos imigrantes ucranianos:

Um dia um senhor anunciou em voz alta, “ei, pessoas, vocês sabem que dia é hoje?” Após um silêncio alguém respondeu, “como podemos saber que dia é hoje quando perdemos a noção do tempo aqui no mar?” “Hoje” – ele disse – “é um dia santo. Mês de agosto. O sexto dia. Hoje é *Spasa* [festa da transfiguração do Senhor]”. Todos ajoelharam e rezaram “Pai nosso, que está no céu...”, e começaram a ler o Salmo *Velehanie* e a cantar outras canções religiosas. As pessoas ficavam em pé e rezavam como se estivessem na igreja. As mulheres choravam abertamente, e os homens também eram vistos enxugando suas lágrimas. E isso não era sem razão. Eles lembravam as igrejas das aldeias, a família, os amigos com quem viviam, trabalhavam e rezavam. (Kobren 1936 *apud* Guérios 2012, 76 – grifos nos original)

A religiosidade é um traço que se destaca entre os imigrantes ucranianos instalados no Brasil. Junto a ela, encontramos elementos da alimentação e da celebração de datas festivas, nacionais e religiosas, e da vestimenta, especialmente a вишиванка (*vyshyvanka* – camisa bordada). Nas análises, apresentaremos detalhadamente essas manifestações identitárias promovidas e vivenciadas pelos membros da comunidade ucraniana de Curitiba.

Woodward (2000) aponta que a identidade é “relacional”. Bauman (2005), no mesmo sentido, afirma que a noção de *identidade* só é colocada em questão quando há um confronto com outra “identidade”, ou seja, quando o indivíduo está em contato com outro grupo, diferente daquele ao qual ele se vincula. Nesse momento, o indivíduo se vê com determinadas características que o diferenciam do outro grupo e, então, surgem os questionamentos relativos ao seu pertencimento. Segundo o autor, tanto o pertencimento quanto a identidade são negociáveis e revogáveis, e não sólidos. Ambos são determinados pelas escolhas do indivíduo. No caso dos imigrantes ucranianos e – atualmente – de seus descendentes, as escolhas deixam claro o seu desejo de preservar e assumir sua identidade ucraniana. Isso se verifica no modo como se autodenominam: eles se dizem “ucranianos”, nunca “descendentes de ucranianos” ou outra expressão equivalente (*de família, de ascendência, de origem...*). Essa atitude identitária é percebida em indivíduos de 2ª e 3ª gerações¹. Apesar de afirmar sua identidade ucraniana, eles não negam que

¹ Villa & Rivera-Mills (2009) propõem: a 1ª geração é aquela formada pelos indivíduos que emigraram. No nosso caso, são os nascidos na Ucrânia que se transferiram para o Brasil. São considerados de 2ª geração os filhos desses imigrantes; a 3ª geração são os netos, e assim sucessivamente.

são brasileiros e que também têm esse traço identitário. Aqui, evocamos o “falso dilema” sobre o qual fala Hall (2022):

Pode ser tentador pensar na identidade, na era da globalização, como estando destinada a acabar num lugar ou noutra: ou retornando a suas “raízes” ou desaparecendo através da assimilação e da homogeneização (Hall 2022, 88).

Nesse trecho, o autor se refere aos indivíduos que deixaram sua terra natal e se veem sem perspectiva de retorno. Muitos deles “retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado” (Hall 2022, 88), por isso, eles são obrigados a “negociar” com as novas culturas em que vivem. No convívio com a comunidade ucraniana, temos a impressão de conviver com indivíduos que vivenciam esse tipo de “negociação”, apesar de não terem sido eles os imigrantes: eles parecem carregar em si a história e o orgulho relacionado à terra de origem de seus familiares, portanto, é como se eles mesmos tivessem vivido e deixado a Ucrânia.

Língua de herança: algumas definições

Diferentes pesquisadores se propuseram a definir *língua de herança*, um conceito amplo e complexo, que pode ser caracterizado, segundo a perspectiva política e social adotada, com base em três grandes critérios principais: 1) laços de ancestralidade; 2) proficiência na língua; e 3) afiliação. Entre os diferentes autores, é possível encontrar variados rótulos equivalentes para tratar desse conceito, como indica este levantamento feito por Soares em 2012:

Língua de Herança tem sido sinónimo de: língua dos imigrantes; língua dos refugiados, língua dos indígenas, língua ancestral (Kondo-Brown 2005; Van DeusenScholl 2003; He 2010), língua familiar, língua primitiva, língua nativa, língua da comunidade (Shin 2010), língua colonial (Fishman 2001; Carreira 2004), língua étnica, língua minoritária, língua não-social (Valdés 2005), ou muito simplesmente como outras línguas que não o inglês, ou a língua dominante desse Estado-nação (Soares 2012, 11 – grifos no original).

Apoiando-nos na síntese feita por Corrias (2019), apresentamos brevemente o histórico do surgimento e evolução do conceito de “língua

de herança”, termo que surgiu no Canadá, na segunda metade da década de 1970.

No início, quando o governo de Ontário lançou um programa de ensino de línguas para crianças, referiu-se a essas línguas pela expressão *heritage languages*, estabelecendo uma distinção entre o francês e o inglês, línguas oficiais do Canadá, e todas as outras línguas presentes no território canadenses. Tais línguas foram trazidas ao país pelos diversos grupos de imigrantes que ali chegaram em diferentes momentos da história.

Aqui é possível estabelecer uma diferenciação entre as noções de língua *de migração* e língua *de herança*, na medida em que consideramos a geração à qual a língua está vinculada. Em outras palavras, o que categoriza uma língua como *de migração* ou *de herança* é seu momento naquele território. Por essa perspectiva, o termo *língua de imigração* se relaciona à língua da primeira geração de imigrantes chegados ao país, ao passo que *língua de herança* é usado para denominar as línguas dos descendentes nascidos no Brasil (Barbosa, Fistarol & Silveira 2020).

A Austrália é outro país que adotou políticas linguísticas específicas destinadas às línguas trazidas pelos imigrantes: em 1975, o termo utilizado para designá-las é *community languages*, que se refere às línguas diferentes do inglês e das línguas autóctones (dos aborígenes).

Valdés (2000; 2005 *apud* Corrias 2019) apresenta uma definição considerada limitada (Soares 2012), uma vez que leva em consideração apenas a proficiência linguística do indivíduo em outra língua além do inglês (ou da língua oficial do país em que está instalado). Por outro lado, Van Deusen-Scholl (2003 *apud* Corrias 2019) propõe uma definição muito mais centrada no sentimento de pertencimento e conexão cultural do indivíduo com a língua do que em sua proficiência linguística.

Em outro levantamento, este feito por Ortale (2016), sobre o uso dos diferentes critérios para a definição de língua de herança, a autora constata que,

... muito embora as definições presentes na literatura divirjam quanto ao aspecto da proficiência como essencial na definição de língua de herança, o laço de ancestralidade está presente em todas as definições supracitadas e, por consequência, também na definição de aprendiz de língua de herança (Ortale 2016, 27).

Ela propõe, no entanto, uma ressalva a respeito do critério da ancestralidade: “Acreditamos que seria importante acrescentar a essa tipologia o grupo de aprendizes *sem laços ancestrais, mas que conviveram no mesmo contexto sociocultural de falantes de uma língua de herança.*” (Ortale 2016, 27 – grifo nosso). Assim, a noção de língua de herança fica ampliada, uma vez que a autora acrescenta a ele o elemento de “afiliação”, propondo a seguinte definição:

Língua de herança é a língua com a qual uma pessoa possui identificação cultural e sentimento de pertencimento a determinada comunidade que a usa, seja por laços ancestrais, seja por convivência no mesmo ambiente sociocultural com falantes dessa língua (Ortale 2016, 27).

No âmbito do presente trabalho, levaremos em consideração a definição de Ortale (2016), considerando-se que estão presentes na Subras indivíduos que se afiliaram à cultura ucraniana por afinidade, interesse, admiração, entre outras razões que desconhecemos. Nesse sentido, esses indivíduos se apropriaram das expressões culturais ucranianas, sendo participantes ativos da instituição de cujas atividades participam e se apresentando inclusive como grandes divulgadores dessa cultura em espaços sociais e na Internet.

Desenho metodológico

Buscando caracterizar a sua proposta para uma etnografia urbana, Magnani (2002), trata de

uma modalidade que caracterizo como *de passagem*: ela consiste em percorrer a cidade e seus meandros observando espaços, equipamentos e personagens típicos com seus hábitos, conflitos e expedientes, deixando-se imbuir pela fragmentação que a sucessão de imagens e situações produz (Magnani 2002, 18 – grifo no original).

Segundo o autor, essa modalidade é marcada pelas escolhas feitas pelo próprio pesquisador, que é quem determina o trajeto a ser percorrido. Para a etnografia urbana que está buscando descrever, ele propõe que,

em vez de um olhar *de passagem*, cujo fio condutor são as escolhas e o trajeto do próprio pesquisador, o que se propõe é um olhar *de perto e*

de dentro, mas a partir dos arranjos dos próprios atores sociais, ou seja, das formas por meio das quais eles se avêm para transitar pela cidade, usufruir seus serviços, utilizar seus equipamentos (...) (Magnani 2002, 18 – grifo nosso).

No nosso caso, não estamos tratando da cidade, mas da Sociedade Ucraniana do Brasil. Sendo de grande complexidade, fazemos aqui o paralelo entre a Subras e uma cidade, em cujo seio se encontram diferentes “serviços” e “equipamentos”: os departamentos, os projetos, as festas, a organização administrativa, o aspecto político, as relações com outras instituições.

Magnani (2002) afirma que

a natureza da explicação pela via etnográfica tem como base um *insight* que permite reorganizar dados percebidos como fragmentários, informações ainda dispersas, indícios soltos, num novo arranjo que não é mais o arranjo nativo (mas que parte dele, leva-o em conta, foi suscitado por ele) nem aquele com o qual o pesquisador iniciou a pesquisa (Magnani 2002, 17 – grifo no original).

Neste sentido, o *insight* principal desta pesquisa se focaliza, principalmente, na questão relacionada à identidade ucraniana.

Os “dados percebidos como fragmentários”, no caso desta pesquisa, giram em torno de 1) escolhas lexicais, expressos em termos e expressões utilizadas por membros da Subras, no momento de se referir às pessoas com descendência ucraniana ou para se referir à própria língua ucraniana; 2) da defesa de determinados pontos de vista, que denotam uma identificação total com o país de origem, em aspectos políticos e ideológicos, mas também em termos geográficos e sociais; 3) adesão aos valores culturais e nacionais ucranianos e defesa do país em território brasileiro.

Somente foi possível chegar a definir tais “dados percebidos como fragmentários” por meio de uma inserção total da pesquisadora na vida da Sociedade Ucraniana do Brasil. Isso se deu por meio da participação nas atividades regulares e rotineiras da Sociedade, bem como naquelas de caráter esporádico e festivo. Assim, tornei-me membro do Coral Barvínok, participando dos ensaios semanais de fevereiro a setembro de 2023. Passei a integrar a equipe do Guarda-Roupa do Folclore Ucraniano Barvínok, que cuida da organização e manutenção dos trajes utilizados pelo grupo nas apresentações de danças e músicas folclóricas. As atividades do Guarda-

Roupa são semanais e participei dos encontros de março a outubro de 2023. E, ainda no campo das atividades regulares, passei a integrar também a equipe do “Projeto Memória Ucrâniana através do acervo histórico da Sociedade Ucrâniana do Brasil”, que se reúne semanalmente para organizar, higienizar, catalogar, digitalizar e disponibilizar documentos como atas, relatórios, cartas, registros fiscais, roteiros de programas de rádio e jornal, enfim, todo o acervo documental reunido pela Sociedade ao longo dos cem anos de existência. Participei do Projeto Memória de março a outubro de 2023.

No campo das atividades esporádicas e festivas, participei dos diferentes concertos e apresentações de dança e música realizados pelo Folclore Ucrâniano Barvínok e seus parceiros e convidados, em diferentes espaços da cidade; das festividades religiosas, como as celebrações da Igreja Ucrâniana Católica: os ritos de Páscoa durante a Semana Santa, a Свячене (Sviatchene – Jantar de Páscoa), a Гаївка (Haílka – cirandas de Páscoa), a Festa da Padroeira, bem como as celebrações da Igreja Ucrâniana Ortodoxa: missas e as festividades de 30 anos de Episcopado do Arcebispo da Igreja Ortodoxa Autocefálica Ucrâniana do Brasil. Assisti às palestras promovidas pela comunidade, sobre a história da Ucrânia e sobre Léssia Ukraínka, principal poetisa do país, bem como de outros eventos promovidos pela Organização Feminina da Sociedade Ucrâniana do Brasil e pelo Folclore Ucrâniano Barvínok.

A presente pesquisa se caracteriza, por um lado, como documental e exploratória (Gil 1996), na medida em que, partindo da literatura da área, buscou ampliar e aprofundar o conhecimento existente acerca das línguas e culturas de herança no Brasil, além de se basear em documentos (principalmente extraídos do Projeto Memória) para a geração de dados para análise. Soma-se a isso seu caráter etnográfico, pela inserção da pesquisadora na comunidade, conforme descrito acima. O objetivo aqui é, portanto, verificar por quais meios a Sociedade Ucrâniana do Brasil contribui para a preservação e divulgação da língua e cultura ucranianas na cidade de Curitiba e para a afirmação da identidade ucraniana por seus membros.

Análise e discussão dos dados

Para organizar os tantos “dados [inicialmente] percebidos como fragmentários”, adaptando a expressão de Magnani (2002), apresentarei os elementos de análise referentes ao aspecto 3 apresentado na subseção anterior, que descreve a adesão aos valores culturais e nacionais ucranianos

pelos membros da comunidade instalada em solo brasileiro. Entre os três aspectos, esse é o mais denso e mais bem caracterizado, por isso foi escolhido para ser o objeto da presente análise. Entre os elementos que aí se encontram, trataremos aqui do Folclore Ucrâniano Barvínok, da Subotna Chkola Léssia Ukrainka e do “Projeto Memória Ucrâniana através do acervo histórico da Sociedade Ucrâniana do Brasil”.

Em Sarsur & Voloschen (no prelo), lemos que

Uma movimentação iniciada por jovens agricultores, imigrantes ucranianos, que foi ganhando adesão e maior participação da comunidade, segundo consta em 1930, fez nascer no município de Guajuvira-Paraná, um grupo que se reunia para cantar e dançar (Sarsur & Voloschen, no prelo).

Esse grupo se fortaleceu ao longo dos anos e, em 1959, consolidou-se sob a denominação de Grupo Folclórico Ucrâniano de Curitiba. Em 1985 passou a ser chamado Folclore Ucrâniano Barvínok (doravante Barvínok), nome que carrega até a atualidade. O Barvínok é atualmente organizado em três subgrupos: o grupo de dança juvenil, o adulto e o coral. Ao longo de seus 93 anos de existência, teve diferentes configurações², mas manteve seu principal objetivo, que é a preservação e a divulgação das tradições folclóricas ucranianas para o grande público, na cidade de Curitiba, no Estado do Paraná, no Brasil e em outros países, quando possível.

As tradições folclóricas são representadas nas danças e músicas, pelos grupos de dança e pelo coral. Os três grupos são compostos por um grande número de descendentes (de 2ª e 3ª gerações) e por outros componentes que não têm descendência ucraniana, mas que, por diferentes razões, se identificaram com essa cultura. No momento de elaboração de apresentação das coreografias às dançarinas e aos dançarinos, os coreógrafos apresentam uma explanação sobre a origem regional daquela dança na Ucrânia, seus significados e características, familiarizando os mais jovens ao conhecimento das tradições.

Ao se trajar como os ucranianos se trjam na Ucrânia, em certa medida, os jovens também têm um contato direto com os hábitos de vestuários, bem como a questões outras, como o fato de vestirem roupas que parecem muito

² Para ler mais sobre a trajetória e as atividades do Folclore Ucrâniano Barvínok, cf. Sarsur & Voloschen (no prelo).

quentes para ser usadas em apresentações no Brasil, mas que sempre foram adequadas ao clima da Ucrânia, onde faz bastante frio em determinadas épocas do ano. As coreografias e os elementos que as compõem, como lenços, tranças, feixes de trigo são, para esses jovens e adultos um ponto de contato com as tradições rurais da Ucrânia deixada por seus antepassados desde o final do século XIX.

Da mesma forma, o coral, formado por adultos e idosos, proporciona a manutenção do contato com o cancionário popular dos camponeses e de canções ainda hoje cantadas pelos grupos folclóricos nacionais que atuam na própria Ucrânia. As canções e as partituras são apresentadas em ucraniano, de forma que a língua de herança está no centro do trabalho do coral. A maior parte dos componentes do grupo é capaz de ler o alfabeto cirílico e, com maior ou menor facilidade, de identificar a temática central de cada canção. Alguns têm maior competência linguística e auxiliam os outros na pronúncia das palavras, na compreensão do significado e, quando necessário, na transliteração das letras das canções do alfabeto cirílico para o alfabeto latino.

O Barvínok também se coloca na posição de anfitrião quando há grupos folclóricos ucranianos vindos de outros países ou artistas que vêm se apresentar em Curitiba. Dessa forma, seus dançarinos e cantores têm a oportunidade de estar em contato com outros grupos que compartilham a origem ucraniana e os mesmos objetivos de preservação e divulgação cultural, além de terem a oportunidade, quando possível, de estar em contato com falantes nativos de língua ucraniana.

A cada dois anos, o Barvínok realiza o “Dia da Ucrânia”, uma feira com exposição e venda de produtos ucranianos vindos da Ucrânia ou produzidos por artesãos locais. São convidados inúmeros grupos de dança que se apresentam em uma programação rica que se estende em dois dias e abre a oportunidade de uma grande divulgação da cultura ucraniana ao público geral. Na mesma linha de atividades, existem as comemorações da renovação da Independência da Ucrânia, que aconteceu em 1991. Desde então, todos os anos, a festa é celebrada no dia 24 de agosto, geralmente no Parque Tingüi, reunindo membros da comunidade ucraniana, mas também do público geral da cidade de Curitiba. Essa celebração demonstra uma grande importância atribuída à independência do país e, na atualidade, frente à guerra da Rússia, tornam-se ainda mais significativas as manifestações da comunidade ucraniana no Brasil, quando se unem para dizer que a Ucrânia é

um país livre e soberano. Essas palavras foram repetidas por muitas pessoas durante a celebração, bem como por usuários das redes sociais, incluindo jovens descendentes. Isso mostra como o discurso da liberdade e da soberania foi transmitido de geração em geração e mesmo os descendentes nascidos depois de 1991 carregam esse discurso e levantam essa bandeira.

Uma das atividades mais importantes realizadas anualmente pelo Barvínok é a participação no Festival das Etnias, promovido pela Associação Interétnica do Paraná (AINTEPAR). Essa associação existe desde 1974 e

tem compromisso com a autenticidade e a essência do folclore, preservando as tradições que ajudaram a moldar a cultura e a identidade paranaenses. Atualmente, é composta por 18 grupos, que representam 13 etnias, povos de todo o mundo que se estabeleceram aqui no decorrer dos séculos XIX e XX e influenciaram diretamente o desenvolvimento do Estado, mas não deixaram de transmitir à sua descendência o amor pela terra de origem (Site, s/d).

A filiação à AINTEPAR oferece ao Barvínok a possibilidade de estar em constante diálogo com grupos folclóricos representantes de outras etnias, além de se fazer conhecido e poder representar a Ucrânia em diferentes eventos na cidade e no Estado. Nesse sentido,

a AINTEPAR promove grupos folclóricos do Paraná, com a intenção de motivar a preservação das características culturais dos imigrantes que se estabeleceram no estado. (...) O folclore é mostrado através da música, do canto e da dança, encantando com as cores e o brilho dos trajes e adereços apresentados por cada etnia. É uma referência da história cultural do Estado do Paraná (Site, s/d).

No período da pandemia de Covid-19, principalmente nos anos de 2020 e 2021, o Festival das Etnias foi realizado de maneira virtual, e o Barvínok participou ativamente, produzindo o vídeo a ser exibido, divulgando e assistindo às apresentações.

Também neste período pandêmico, em que as atividades presenciais foram suspensas ou restringidas, o Barvínok realizou um projeto de divulgação de elementos da cultura ucraniana por meio de vídeos na plataforma YouTube³.

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/@folcloreucranianobarvinok9380>.

Foram produzidas duas sequências de vídeos: uma focalizando principalmente as tradições de Páscoa e outra, as tradições de Natal. Entre elas, também se encontram vídeos sobre os bordados ucranianos, o artesanato, a cesta de Páscoa, enfeites natalinos e os cossacos. Esse projeto de divulgação da cultura ucraniana por meio de vídeos disponíveis gratuitamente na Internet foi bem sucedido, e um dos vídeos chegou a ter, até o momento da escrita deste texto, 2500 visualizações.

Percebe-se que, ao promover a elaboração de vídeos, por exemplo, os componentes do grupo são levados a uma reflexão sobre quais elementos culturais selecionar para a produção das filmagens, o que promove uma discussão e envolve conhecimentos sobre as tradições ucranianas. Ao mesmo tempo, outras pessoas da comunidade são envolvidas, quando recebem o convite para apresentar determinado prato tradicional ou para apresentar uma história ou elemento importante, como o feixe de trigo ou os bordados. Assim, há um conhecimento a ser mobilizado, pesquisas a serem feitas, e todas essas etapas do processo proporcionam uma descoberta ou uma revisitação desses elementos pelos próprios membros da comunidade. Todos esses aspectos acontecem ainda antes de o vídeo ser efetivamente publicado e apresentado ao público geral, que parece ser o objetivo final do projeto.

Além da participação no Festival das Etnias, o Barvínok realiza anualmente um concerto em memória do Голодомор (Holodomor), o genocídio pela fome cometido pela URSS em 1932 e 1933. Nesse período, a partir do início da década de 1930, o regime stalinista passou a promover uma intensa política de coerção e de arrecadação de impostos, sobretudo sobre os cereais e essa política passou a ser conhecida como “coletivização”, o que significava que tudo que o era plantado nos campos dos países soviéticos passou a pertencer ao Estado. Como explica Prado (2017),

A tributação em forma de arrecadação, que já era feita sobre a produção dos camponeses, agora não mais era uma arrecadação, mas um confisco feito pelo Estado. Os camponeses tiveram suas terras confiscadas pela coletivização e toda sua produção era propriedade governamental, não restando, muitas vezes, o suficiente para sua subsistência (Prado 2017, 43).

Estima-se que 4 milhões de camponeses foram mortos no Holodomor (Jones 2022) e, apesar dos números e da importância dos acontecimentos, apenas 17 países do mundo reconhecem o Holodomor como genocídio. O

Brasil não está nessa lista. Apesar disso, a comunidade ucraniana de Curitiba promove anualmente um evento para lembrar essa ação stalinista contra os camponeses ucranianos, um dos que mais sofreram com a coletivização, ao lado de regiões como o Cáucaso, o Baixo Volga e a Crimeia (Prado 2017).

Em 2022, o Barvínok recebeu Tatiana Pyrogoва, solista do Національний заслужений академічний український народний хор України імені Г. Г. Верьовки – Coro Folclórico Acadêmico Nacional da Ucrânia Veryovka⁴, um dos mais importantes do país. Junto com a cantora, seu filho e nora, também cantores, o Barvínok concebeu e apresentou um concerto, que aconteceu em parceria com a orquestra feminina Ladies Ensemble⁵, em Curitiba. Nesse concerto, o coral Barvínok participou, executando canções tradicionais junto aos cantores vindos da Ucrânia. Em paralelo à execução das canções, os componentes dos grupos de dança juvenil e adulto representaram personagens do Holodomor, como mães que perderam seus filhos, sobreviventes que escreveram cartas sobre aquilo que testemunharam durante o genocídio, soldados, e, em um diálogo com a atualidade, jovens que vivenciaram o início da guerra da Rússia contra a Ucrânia, iniciada em 24 de fevereiro de 2022.

No final do concerto, foi entoada a tradicional canção patriótica ucraniana “Ой, у лузі червона калина” (“Oi luzi tchervona kalena” – Há no prado um viburno (kalena) vermelho⁶), que todos os componentes acompanharam, cantando com lágrimas nos olhos e evidente emoção. Para o público, o concerto foi impactante e emocionante, mas, para os componentes do Barvínok, a emoção foi ainda maior, pela forma como se envolveram na preparação e na apresentação. Logo após o primeiro dia de espetáculo, uma jovem dançarina se expressou dizendo que “para nós foi muito forte, muita emoção.” E outra, ouvindo a colega, completou: “o Holodomor é um fato que ficou esquecido. Agora, com a guerra, mais gente está vendo a Ucrânia, muita gente sabe muitas coisas, mas o Holodomor, não”.

A importância desse concerto para nossa análise é a maneira como os membros da comunidade ucraniana de Curitiba interiorizaram o discurso sobre o Holodomor, assumindo as dores daqueles que o vivenciaram, os compatriotas dos primeiros imigrantes vindos para o Brasil. A forma como os jovens falam sobre ele, como defendem seu reconhecimento, sua divulgação,

⁴ <https://veryovka.com/>.

⁵ <https://www.instagram.com/ladiesensemble/>.

⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=ZztmQsSAqfo>.

são também elementos que mostram como a identidade nacional ucraniana está introjetada neles. Todos os anos, o concerto em memória do Holodomor, em novembro, é o segundo maior evento realizado pelo Barvínok, em termos de preparação e produção, ficando atrás apenas do Festival das Etnias, realizado no mês de julho.

Cabe salientar que, entre os vídeos produzidos pelo Barvínok e disponibilizados no YouTube, dois foram dedicados ao Holodomor: um primeiro, apresentado pelo Professor Anderson Prado, historiador especialista em conflitos no Leste Europeu; e um segundo, apresentado pelo Padre Domingos Miguel Starepravo, da Ordem de São Basílio Magno. Destaco também que, durante todo o mês de novembro de 2022, foi feita uma exposição sobre o Holodomor nas dependências da Sociedade Ucraniana do Brasil. A exposição contou com telas em ucraniano e em português, com um histórico e informações sobre o genocídio.

As atividades apresentadas demonstram em quais direções o Folclore Ucraniano Barvínok atua no sentido de promover a língua e a cultura ucranianas. Essa descrição mostra também que muitas são as pessoas envolvidas nas atividades do folclore e que todas elas têm a oportunidade de estar em contato com os elementos culturais que se deseja preservar. Ao mesmo tempo em que aprendem, ensinam, repetem, apresentam e, assim, os aspectos da cultura tradicional dos antepassados vão sendo preservados e transmitidos de geração em geração.

Passando do folclore para o trabalho junto à infância, chegamos à Суботня Школа імені Лесі Українки (Subotna Chkola Léssia Ukrainka – Escola dos Sábados). A Subotna Chkola é um subdepartamento da Organização Feminina, que é um dos departamentos da Sociedade Ucraniana do Brasil. Além da Escola, a Organização Feminina mantém o Museu Ucraniano de Curitiba, realiza ações de assistência social e promove eventos que reúnem a comunidade ucraniana⁷.

Em meu diário reflexivo, encontra-se o seguinte registro, feito após o primeiro dia das atividades da Subotna Chkola, em 11 de março de 2023:

Todas as crianças foram organizadas em uma grande roda, para as boas-vindas e apresentação inicial da Escola e da equipe. Uma das professoras conduziu toda a atividade, que foi marcada por alguns traços

⁷ Para conhecer o histórico da Organização Feminina e os detalhes de sua atuação, cf. Sarsur & Voloschen (no prelo).

bastante significativos: ela sempre utiliza o termo em ucraniano para falar da escola: *Subotna Chkola*; ela começa perguntando às crianças por que elas estão lá, e vai encaminhando a conversa para falar sobre os objetivos de valorizar e preservar a cultura ucraniana. (...) Um adolescente responde (...): “porque nós somos ucranianos” (Diário reflexivo da pesquisadora, 11/03/2023).

Neste trecho é possível observar o uso da língua ucraniana, de forma que as crianças vão, desde a tenra idade, se familiarizando com determinados termos e expressões. Pude observar, no convívio com a comunidade, que palavras e expressões ucranianas fazem parte do seu vocabulário cotidiano, seja para dizer o nome de pratos ou de danças, seja para se referir a determinados locais ou pessoas. Dessa forma, a língua de herança vai sendo transmitida, de maneira intrinsecamente ligada aos costumes e usos da própria comunidade.

O trecho a seguir apresenta outros elementos de interesse para a análise:

Outro aspecto relevante da apresentação geral da *Subotna Chkola* foi a apresentação de Léssia Ukrainka, uma poetisa ucraniana que muito escreveu sobre a liberdade. E de Táras Chevtchenko, o maior poeta ucraniano. A professora contou alguns detalhes da biografia dessas duas personalidades e destacou para as crianças a importância de elas saberem quem eles são e por que Léssia Ukrainka dá nome à *Subotna Chkola* (Diário reflexivo da pesquisadora, 11/03/2023).

Aqui fica clara a forma como a escola é apresentada aos alunos: ali é um espaço de cultura ucraniana, de valorização, de conhecimento. Desde o primeiro dia em que entram na escola, os alunos são apresentados a Tarás Chevtchenko, uma figura de extrema importância para os ucranianos, um herói nacional, e Léssia Ukrainka, a quem a escola presta homenagem em seu próprio nome.

Assim se organiza a *Subotna Chkola*, em torno de quatro eixos principais: língua, artesanato, música e dança. As crianças matriculadas na “escolinha”, como muitas vezes a *Subotna Chkola* é carinhosamente chamada, têm de 5 a 14 anos e assistem às aulas todos os sábados, de 14:00 a 18:00 horas. As atividades acontecem nas dependências da Sociedade Ucraniana do Brasil, em um prédio construído especificamente para a escola, com salas de aula ambientadas com alfabetos, quadros e imagens representativas da Ucrânia.

Todos os sábados, antes do início das atividades, toda a equipe de professores e todas as crianças cantam, *a capela*, o Hino Nacional da Ucrânia e, em seguida, o hino da Subotna Chkola, ambos em ucraniano. Esse é um momento importante e que reúne no pátio todos os participantes, inclusive os pais e responsáveis, antes do início das aulas da tarde.

As professoras e professores da Subotna Chkola trabalham de maneira voluntária e têm, todos, ascendência ucraniana. Muitos deles foram alunos e alunas da escolinha durante sua infância e adolescência. Aqui nos deparamos com outro elemento de grande importância para a análise da preservação e transmissão dos conhecimentos no âmbito dessa instituição: a existência da Subotna Chkola deixa claro o interesse da comunidade em preservar a língua, a cultura, as tradições e os conhecimentos acerca da terra de origem dos imigrantes ucranianos de outros tempos, favorecendo a consolidação e a assunção da identidade ucraniana pelas crianças e jovens. Por sua vez, no futuro, eles serão os pilares da Sociedade Ucraniana do Brasil e são complidos, desde já, a atuarem em favor da preservação de sua história e identidade.

No mesmo sentido, passamos ao terceiro elemento analisado, o “Projeto Memória Ucraniana através do acervo histórico da Sociedade Ucraniana do Brasil”, que aqui denominaremos apenas “Projeto Memória”. Trata-se de uma iniciativa que teve início em abril de 2019, ou seja, diferentemente do Barvínok e da Subotna Chkola, é uma ação bastante recente, mas que tem objetivos similares no que se refere à preservação e cuidado do patrimônio cultural e de conhecimentos sobre os imigrantes ucranianos que se instalaram no Brasil.

O Projeto Memória surgiu da preocupação com os inúmeros documentos armazenados nas dependências da Sociedade Ucraniana do Brasil ao longo dos 100 anos de sua existência: entre tais documentos, é possível encontrar as atas de reuniões ordinárias e de assembleias, bem como relatórios e livros-caixa de todos os departamentos que fazem e/ou já fizeram parte da organização da Subras – Diretoria, Folclore Ucraniano Barvínok, Organização Feminina, o extinto CLEM (Centro Littero-Esportivo Mocidade), o extinto Clube Ucraino Brasileiro.

No acervo também são encontradas cartas enviadas por organismos como a Cruz Vermelha e por indivíduos ainda domiciliados na Ucrânia que pediam ajuda ao Comitê de Auxílio aos Refugiados da Segunda Guerra, entre outras correspondências.

Encontram-se, ainda, todos os números do Jornal Хлібороб – “O Lavrador”, publicado pela Sociedade Ucrâniana do Brasil desde 1924. O jornal veiculou, durante as primeiras décadas, notícias da Ucrânia, para que os imigrantes continuassem em contato com sua terra natal. Com o passar do tempo, passou a veicular notícias referentes às atividades da comunidade ucraniana instalada no Brasil. O jornal é publicado mensalmente, e, atualmente, é divulgado principalmente em meio digital, ao lado de algumas poucas impressões em papel para os assinantes que preferem esse formato.

Há ainda, centenas de roteiros do programa de rádio “Українська Хвиля – Um Momento Ucrâniano”, que foi ao ar semanalmente durante 56 anos, entre 1952 e 2008. Ele tratava de assuntos de interesse da comunidade ucraniana, fossem notícias da Ucrânia ou da comunidade ucraniana do Brasil; fossem músicas ucranianas, felicitações por aniversários, bodas, formaturas e outras festividades; comunicados de falecimentos, de eventos festivos; anúncios de cursos oferecidos para a comunidade, entre outros.

Testemunhando a história da Sociedade Ucrâniana do Brasil desde seus primórdios – antes mesmo que a Subras recebesse seu nome atual, o acervo contempla documentos como as atas e relatórios referentes às inúmeras filiais que a instituição mantinha em todo o Estado do Paraná. Contém também todos os regimentos da instituição e os registros das mudanças de nome que ela viveu: em 1908, a criação da Sociedade Tarás Chevtchenko e sua subsequente incorporação à União Ukraína do Brasil, em 1922; sua passagem à denominação de União Agrícola Instrutiva – U.A.I., em 1938 e, finalmente, no ano 2000, a denominação atual, Sociedade Ucrâniana do Brasil⁸.

O Projeto Memória se dá como objetivos proteger e preservar os registros produzidos ao longo de um século de história pela Sociedade Ucrâniana do Brasil. Para isso, os membros da equipe estão em constante busca por capacitação e orientação sobre os processos de higienização, digitalização e armazenamento dos documentos. Assim, aos poucos, está sendo possível disponibilizar para consulta os documentos que já foram digitalizados e os que ainda estão em papel, mas que já foram localizados e classificados. Atualmente, três pesquisadores trabalham no acervo do Projeto Memória, a saber: Yuri Kovbasko, doutor em Filologia e Professor da Universidade

⁸ Para conhecer em detalhes essa história e o motivo das mudanças de denominação, bem como maiores detalhes sobre a existência de filiais, cf. Sarsur & Voloschen (no prelo).

Nacional pré-Karpattya Vasyl Stefanyk, da cidade de Ivano-Frankivske, na Ucrânia; Henrique Schlumberger⁹ vinculado à Universidade Federal do Paraná (UFPR) e eu, que, por meio do contato com o trabalho do Projeto Memória, pude me nutrir de informações e conhecimentos que eu não teria obtido de outra maneira e realizar a minha pesquisa de pós-doutorado sobre línguas e culturas de herança, vinculada à Universidade de São Paulo (USP).

Um dos principais objetivos do Projeto Memória é atrair pesquisadores, e isso já começa a acontecer. As pesquisas realizadas por meio do acervo certamente fortalecerão a área de estudos eslavos, contribuindo para o desocultamento étnico (Puh 2020) e dos países, das culturas e das pesquisas que se ocultam por trás dos rótulos “Leste Europeu”, “países eslavos”, “línguas eslavas”, entre outros que generalizam e colocam dentro do mesmo “pacote” uma vasta série de países, etnias, culturas e identidades.

Antes de passar às considerações finais, é interessante ressaltar que a maior parte das pessoas que hoje compõem o Folclore Ucrâniano Barvínok, a Subotna Chkola e o Projeto Memória cresceram dentro da Sociedade Ucrâniana do Brasil e passaram pelas diferentes atividades oferecidas pela instituição. Assim, imaginando a trajetória de uma pessoa desde a infância, nas aulas da “escolinha”, na adolescência e idade adulta nos grupos de dança e, posteriormente, no coral e no Projeto Memória, é possível perceber a coerência existente nas atividades propostas pela Subras, com vistas à preservação e à vivência da identidade ucraniana pelos seus membros.

Considerações finais

Neste artigo, procurei apresentar um panorama detalhado de três pilares da Sociedade Ucrâniana do Brasil: o Folclore Ucrâniano Barvínok, a Суботня Школа імені Лесі Українки – Subotna Chkola Léssia Ukrainka e o “Projeto Memória Ucrâniana através do acervo histórico da Sociedade Ucrâniana do Brasil”, de forma a demonstrar por quais meios a Sociedade Ucrâniana do Brasil preserva, transmite e divulga a língua, a cultura e a identidade ucranianas a seus membros.

Observando as diferentes ações, é possível perceber que há um empenho em variadas frentes para que as novas gerações tenham contato e aprendam sobre as tradições ucranianas, a língua, as danças, as canções, o artesanato

⁹ Sua pesquisa de Mestrado deu origem à obra *Conflitos do Leste Europeu – Os embates Rússia Ucrânia representados no Chliborob (2009-2019)*, publicada em 2023.

e possam se sentir ucranianos verdadeiramente, como se sentem seus pais e como se sentiam seus avós e aqueles familiares que imigraram para o Brasil. Para contemplar as crianças e pré-adolescentes, a Subotna Chkola atua oferecendo aulas de música, dança, língua e artesanato. Aos jovens, adultos e idosos, o Folclore Ucraniano Barvínok proporciona a participação nos grupos de dança e no coral. Num esforço coletivo de preservação da memória da comunidade ucraniana no Brasil, o Projeto Memória reúne participantes de diferentes departamentos, que se debruçam sobre os documentos e um rico acervo que data de antes da existência da Sociedade Ucraniana do Brasil como ela é hoje. Assim, há espaço para todas as pessoas que se interessam em participar da construção da história da imigração ucraniana no Brasil, em especial no Paraná e especificamente na cidade de Curitiba.

Para quem chega, buscando se reconectar com as suas origens, a Sociedade Ucraniana do Brasil representa um “retorno à casa”, aos cheiros, aos sabores, aos sons da própria família. Para quem vem de outras origens e deseja conhecer e se conectar à cultura ucraniana, essa casa se abre e oferece o que tem de melhor: hospitalidade, conhecimento e ricas vivências. Para ambos, são oferecidas suas heranças, e cada um se conecta a ela à sua maneira: seja pela ancestralidade, seja pela afiliação.

Referințe bibliografice:

- AINTEPAR. Associação Interétnica do Paraná. <https://www.aintepar.com/>.
- Antonelli, Diego. Choma, Andreiv. Seniuk, Talita. 2021. *Ucrânias no Brasil: 130 anos de cultura e tradição ucraniana*. Curitiba: Máquina de escrever.
- Barbosa, Isabela Vieira. Fistarol, Caique Fernando da Silva. Silveira, Éderson Luís. *Línguas de herança e de imigração: notas sobre comunidades linguísticas e (co) existência sociocultural no Brasil*. Revista Água Viva, Volume 5, Número 3, set-dez.2020; <https://periodicos.unb.br/index.php/aguaviv/a/article/view/35812/28427>.
- Bauman, Zygmunt. 2001. *Modernidade líquida*. Trad: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Bauman, Zygmunt. 2005. *Identidade*. Entrevista a Benedetto Vecchi. Trad: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Boruszenko, Oksana. Setembro 1967. *A imigração ucraniana no Paraná. Anais do IV Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História – ANPUH*. Porto Alegre; https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2018-12/1544024482_8cdf01e2c82ed9dc57b303a04cffc379.pdf.

- Corrias, Vinício. 2019. *Abrindo caminhos para o italiano língua de herança no Brasil: a formação de professores na perspectiva pós-método*. Tese (Doutorado em Língua e Literatura Italiana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. doi:10.11606/T.8.2019.tde-27052019-132245.
- Decol, René. D. 2000. *Uma história oculta: a imigração dos países da Europa do Centro-Leste para o Brasil*. In: *Encontro Nacional de Estudos Populacionais*. 12., 2000, Campinas. Anais eletrônicos. Campinas: PUC Campinas.
- Folclore Ucrainiano Barvínok. Barvínok no YouTube; <https://www.youtube.com/@folcloreucranianobarvínok9380>.
- G. Veryovka Ukrainian National Honoured Academic Folk Choir. Site oficial: <https://veryovka.com/>.
- Gil, Antonio Carlos. 1996. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 3ª Edição. São Paulo: Editora Atlas.
- Guérios, Paulo Renato. 2012. *A imigração ucraniana ao Paraná: memória, identidade e religião*. Curitiba: Ed. UFPR.
- Hall, Stuart. 2022. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva & Guaracira Lopes Louro. 12 ed. Rio de Janeiro: Lamparina.
- Jones, Gareth. 2022. *Fome na Ucrânia. Os relatos do front do Holodomor*. Organização e edição: Duda Teixeira. São Paulo: Avis Rara.
- Magnani, José Guilherme Cantor. Junho 2002. *De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana*. In: *Revista brasileira de Ciências Sociais*. 17 (49), p. 11-29.
- Ortale, Fernanda Landucci. 2016. *A formação de uma professora de italiano como Língua de Herança: O Pós-Método como caminho para uma prática docente de autoria*. Tese (Livre-docência). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Prado, Anderson. 2017. *O jornal ucraniano-brasileiro Prácia: Prudentópolis e a repercussão do Holodomor (1932-1933)*. Tese de Doutorado. Universidade do Vale dos Sinos, São Leopoldo; http://repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/6378/Anderson%20Prado_.pdf?sequence=1&isAllowed=y.
- Puh, Milan. 2020. *Estudos eslavos no Brasil: a constituição de uma área*. *Revista X*, v. 15, n. 6, p. 674-697. <https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/76848>.

- Reis, Antonio Leocadio Cabral. Silveira, Marcos Aurélio Tarlombani da. *A imigração polonesa no território paranaense. Aspectos culturais e distribuição espacial das colônias polonesas no espaço geográfico paranaense*. Sem data; <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1756-8.pdf>.
- Sarsur, Érica; Voloschen, Mirna. *A Sociedade Ucraniana do Brasil: um percurso de êxito*. In: Puh, Milan. (org.) *Leste Europeu em Movimento* [no prelo].
- Soares, Sofia Maria de Carvalho Campos Duarte. 2012. *Português Língua de Herança: Da Teoria à Prática*. Faculdade de Letras. Universidade do Porto; <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/66481/2/28200.pdf>.
- Valdés, Guadalupe. 2000. *The teaching of heritage languages: An introduction for Slavic teaching professionals*. In: Kagan, O. Rifkin, B. (Ed.). *The Learning and Teaching of Slavic Languages and Cultures*, Bloomington: Slavica. p. 375-403.
- Valdés, Guadalupe. 2005. *Bilingualism, Heritage Language Learners, and SLA Research: Opportunities Lost or Seized? The Modern Language Journal*. v. 89, n. 3, p. 410-426.
- Van Deusen-Scholl, Nelleke. 2003. *Toward a definition of heritage language: Sociopolitical and pedagogical considerations*. *Journal of Language, Identity, and Education*. vol. 2, n. 3, p. 211-230.
- Villa, Daniel; Rivera-Mills, Susana. 2009. *An integrated multi-generational model for language maintenance and shift: The case of Spanish in the Southwest*. *Spanish in Context*. vol. 6 (1). *Spanish in Context*, p. 26-42; https://www.researchgate.net/publication/233692470_An_integrated_multi-generational_model_for_language_maintenance_and_shift_The_case_of_Spanish_in_the_Southwest
- Vitchmichen, Henrique Schlumberger. 2023. *Conflitos no Leste Europeu – Os embates Rússia-Ucrânia representados no Chliborob (2009-2019)*. São Paulo: Editora Dialética.
- Woodward, Kathryn. 2000. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In: Silva, Thomaz T. da. (org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes.